O tratamento que Von Soden deu a seu K^r

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Tenho sido criticado porque nunca respondi, de forma organizada, aos 'argumentos' de von Soden, segundo os quais ele chamou seu **K**^{r} de revisão tardia – nunca fiz por ele o que fiz por Hort. Como há pessoas hoje que ainda pensam que seus 'argumentos' são válidos, reconheço que deveria ter feito. Apelei ao Dr. Jakob van Bruggen por ajuda com von Soden. Ele começou sua resposta dizendo que von Soden "faz afirmações e dá descrições, mas não apresenta argumentos ou provas". Ora, ora, como é possível refutar 'argumentos' que não existem? Mas como uma resposta de algum tipo está sendo solicitada, avaliarei as 'declarações'.

1) Von Soden observou que havia relativamente poucos MSS **K**^{r} nas bibliotecas da Europa Ocidental, provavelmente verdade. Mas ele passou a opinar que era uma circunstância negativa, um ponto contra **K**^{r}.[1] Ele parece ter esquecido que até a Reforma Protestante a Igreja Romana dominava a Europa Ocidental, e essa igreja usava latim, não grego. Pior ainda, somente o Papa podia interpretar as Escrituras, e somente o clero tinha permissão para lê-las, sequer. As pessoas comuns, os leigos, foram proibidos de fazê-lo. Então, no século 14, quem em toda a Europa Ocidental teria alguma utilidade para os MSS gregos? Eram curiosidades, peças de museu, encontradas apenas em bibliotecas ou museus. Todos os MSS do NT dessas bibliotecas vieram do Leste. O Museu Britânico (agora Biblioteca) tem uma coleção considerável; como os conseguiu? Eles foram doados por viajantes que os compraram no Leste. Tudo dito e feito, submeto ao leitor que o número de MSS **K**^{r} no ocidente é irrelevante para a idade e natureza do tipo de texto, e não deve ser aduzido.
2) Von Soden repetidamente mencionou o fato bem conhecido de que os MSS **K**^{r} são caracterizados por um bem trabalhado aparato litúrgico nas margens, incluindo 'começo' e 'fim' escritos dentro do próprio Texto, mas em tinta de uma cor diferente, geralmente vermelha, para que o leitor saiba exatamente por onde começar e parar. Embora alguns MSS não-**K**^{r} tenham alguma indicação de leituras em suas margens, nenhum é tão elaborado quanto **K**^{r}, com exceção do que Frederik Wisse[2] chamou de *Cluster* 17 em Lucas, composto por menos de dez MSS (**K**^{r} tem mais de 250 nos Evangelhos). Até onde eu sei, eles são os únicos dois grupos que possuem o aparato elaborado, de sorte que a presença desse aparelho é virtualmente diagnóstica de seu **K**^{r} (minha Família 35, **f**^{35}). Isso é fato, mas o que isso significa?

Von Soden deu como sua opinião que a circunstância indicava que seu **K**^{r} era uma revisão litúrgica produzida em Constantinopla no século XII, mas não ofereceu

[1] Soden, Hermann F. von. *Die Schriften des Neuen Testaments.* 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911, pp. 757-765. (O alemão dele é difícil de ler.)

[2] *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

sequer um fragmento de evidência em apoio de sua opinião. (Ele tentou defender o século XII mudando a data dos três MSS **K^r** que ele conhecia do XI.) (Tenho cópias de pelo menos dez desses MSS, e há outros, mas argumentarei que o ponto é irrelevante.) Agora, deve ser óbvio para todos que preparar uma cópia em duas cores com um aparato elaborado levará mais tempo e esforço do que uma cópia em uma cor sem esse aparato. Então, por que as pessoas fariam isso? Tinha que haver uma demanda por tais cópias. Mas que fator, ou fatores, poderia impulsionar tal demanda?

Um MS com um aparato litúrgico foi obviamente preparado para ser usado para leitura pública, para ser lido em voz alta para uma audiência. Para leitura e estudo particulares, você deseja um texto sem interrupções. Von Soden chegou a notar que as letras individuais em seus MSS **K^r** tendiam a ser um pouco maiores do que em MSS não-**K^r**. Então, por que seria isso? Presumivelmente para facilitar a leitura pública. Então, por que **K^r/f^{35}** é de longe a maior família dentro da ampla tradição bizantina? E por que estão seus representantes espalhados por todo o mundo mediterrâneo? E quantas pessoas podiam ler grego koinê, e quantas delas podiam comprar uma cópia privada do NT? Afinal, a 'oferta e demanda' opera na Igreja tanto quanto no mundo. No início, eram as congregações locais que exigiam cópias, para serem acompanhadas pelas comunidades monásticas, mais tarde.

Em 2014 passei nove noites na península de Monte Atos, com seus vinte mosteiros independentes. Visitei cinco deles (incluindo os quatro primeiros na hierarquia), dormi em três deles e comi refeições em dois deles. Até hoje, os monges e visitantes comem em silêncio, enquanto um monge lê as Escrituras em voz alta. Os mosteiros orgulham-se de serem regidos pela tradição, que afirmam remontar aos primeiros séculos. Não é razoável concluir que essa tradição inclui a leitura das Escrituras durante as refeições? Não usariam MSS precisamente preparados para leitura pública? E a que tipo de texto esses MSS pertencem? E por que eles usaram esse tipo de texto? Esses MSS pertencem à Família 35, e eles usaram essa família porque foi essa a tradição que receberam, uma tradição que foi repassada ao longo dos séculos.

Independentemente do Talmud, sabemos pelo NT que era costume nas sinagogas judaicas ler os escritos do AT em suas reuniões de sábado. O próprio Senhor Jesus fez isso, conforme registrado em Lucas 4.16-19. No 'Concílio de Jerusalém', Tiago concluiu sua decisão com: "Pois desde as gerações antigas Moisés tem em cada cidade aqueles que o pregam, sendo lido nas sinagogas todos os sábados" (Atos 15.21). O apóstolo Paulo sempre começou seu ministério em uma nova cidade com a sinagoga judaica, quando havia uma. Observe o que Atos 13.15 diz: "Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os líderes da sinagoga lhes enviaram . . ." Em uma sinagoga, Paulo geralmente começava seu discurso com: "Homens de Israel e vocês

que temem a Deus", o 'vocês que temem a Deus' referindo-se aos gentios que estavam presentes.

Ora, no início, a comunidade cristã era composta principalmente de judeus e tais gentios, e eles naturalmente continuariam a prática de ler as Escrituras em suas reuniões semanais. Lembre-se do que deu origem ao ofício de diácono em Atos 6. "Não é vantajoso que nós deixemos a Palavra de Deus para servirmos às mesas" (versículo 2). "Nós perseveraremos na oração e no ministério da Palavra" (versículo 4). Claro que naquela época a Bíblia deles era o AT; o primeiro Evangelho, Mateus, não sendo publicado até 38/39. No entanto, uma vez que os escritos do NT foram reconhecidos como Escritura desde o início, era natural que eles fossem adicionados ao AT, e com o tempo provavelmente assumiram a liderança. Observe o que Justino Mártir escreveu em sua Primeira Apologia (por volta de 150 d.C.):

> No dia chamado domingo, todos os que moram nas cidades ou no campo se reúnem em um lugar, e as memórias dos Apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos, enquanto o tempo permite; então, quando o leitor cessa, o presidente [ministro presidindo] instrui verbalmente e exorta à imitação dessas coisas boas.[1]

As "memórias dos Apóstolos" eram os Evangelhos como os conhecemos (Primeira Apologia 66). Se considerarmos o uso de Justino da frase "memórias dos Apóstolos" em todos os seus escritos, pode-se concluir com segurança que ele se refere com precisão a dois apóstolos (Mateus e João) e dois seguidores dos apóstolos (Marcos e Lucas), que ele delineou. Justino usou a frase "memórias dos Apóstolos" para fazer referência aos quatro evangelhos, mas ele nunca usou essa frase para fazer referência a evangelhos gnósticos ou apócrifos.[2]

Observe que os Evangelhos são mencionados primeiro, antes dos 'escritos dos profetas', que se referem ao AT. Justino deixa claro que a prática de ler as Escrituras nas reuniões semanais foi continuada pelos cristãos e, como era de se esperar, os escritos do NT passaram a ser preferidos. Não temos evidências de que a prática de ler as Escrituras em reuniões públicas tenha sido abandonada, pelo menos no Leste. Aliás, a própria existência de manuscritos Lecionários seria evidência de que a prática continuou. Se os "Cânones Eusebianos" foram realmente produzidos por Eusébio de Cesaréia (m. 339), temos evidências do início do século IV, e ele certamente estava apenas padronizando o que já estava sendo praticado nas igrejas. Então, quando os monges do Monte Atos afirmam que sua prática remonta aos primeiros tempos, eles estão corretos. No entanto, **nenhuma das colocações acima nos diz que tipo de texto foi usado**, e cabe a mim tratar dessa questão.

---

[1] Roberts, Alexander and Donaldson, James, eds. *The Ante-Nicean Fathers.* American Edition. New York: Christian Literature Co., 1906. I. p. 186.

[2] Comunicação pessoal do Dr. Michael C. Loehrer.

Mas primeiro, a evidência dos lecionários contradiz categoricamente a afirmação de von Soden de que o sistema foi criado em Constantinopla no século XII. De acordo com a *Kurzgefasste Liste*[1] (fev., 2018), temos um lecionário conhecido do século IV, dois do V, dois do VI, dois do VII, quinze do VIII, 113 do IX, 162 do X e 303 do XI. Mesmo se reduzirmos todos esses números pela metade (para evitar rodeios), eles demonstram que von Soden estava completamente enganado. Ocorre que entre os Lecionários conhecidos, a segunda maior família contém o texto **K^{r}/f^{35}**, mas é pequena, comparada à família dominante; mas observe: a diferença está na redação, não na seleção de leituras. Von Soden também afirmou que o texto **K^{r}/f^{35}** foi imposto por autoridade eclesiástica. Nesse caso, **como é que a grande maioria dos Lecionários tem um texto diferente**? E como poderia algo criado no século 12 suplantar uma prática antiga? Mais uma vez, von Soden estava completamente enganado.

Deveria ser óbvio para todos que os livros usados se desgastam; quanto mais eles são usados, mais rápido eles se desgastam. Os manuscritos mais antigos sobreviveram porque ninguém queria usá-los; nem foram copiados (por que desperdiçar bom pergaminho?). Se as comunidades usassem **K^{r}/f^{35}** para leitura pública, essas cópias seriam desgastadas e não poderiam sobreviver fisicamente. Assim, a falta de MSS **K^{r}/f^{35}** antigos não é necessariamente um argumento contra o tipo de texto.

3) Von Soden observou, corretamente, que MSS **K^{r}/f^{35}** são caracterizados por muito menos variantes do que MSS de outros tipos. Sua explicação foi que seu **K^{r}** era uma revisão imposta por autoridade eclesiástica; era um texto controlado. Dentro da disciplina, a noção de um texto controlado foi estendida a todo o texto bizantino. Por exemplo, na página 11* da "Introdução" em inglês, os editores da *Editio Critica Maior* de Tiago[2] referem-se ao texto bizantino (que inclui **K^{r}/f^{35}**) como sendo "cuidadosamente controlado". **K^{r}/f^{35}** é de longe a maior e mais coesa (internamente consistente) linha de transmissão dentro do amplo rio bizantino, de sorte que se a massa bizantina foi controlada, **K^{r}/f^{35}** seria ainda mais.

Pois então, se um texto é 'controlado', alguém tem que fazer o controle – se não há controlador, não pode haver controle. Então, quem são os possíveis candidatos? Vejo três possibilidades: seres humanos, Satanás, Deus. Tanto quanto sei, todos aqueles que se referem ao texto bizantino como 'controlado' excluem o sobrenatural de seu modelo; então para eles, o controle é feito por seres humanos, independente de influência sobrenatural. Como o suposto controle teria que operar por mais de um milênio, não poderia ser feito por um único indivíduo. Mas quem poderia controlar todo o mundo mediterrâneo? Por mais de mil anos a Igreja Romana usou latim, não grego. Houve alguma vez uma autoridade central em

[1] Kurt Aland, ed., *Kurzgefasste Liste der Grieshischen Handschriften des Neuen Testaments* (Berlin: Walter de Gruyter, 1994).

[2] Aland, Barbara, Mink, Gerd, and Wachtel, Klaus (eds.). *Novum Testamentum Graecum, Editio Critica Maior.* Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

funcionamento entre as Igrejas Ortodoxas? Certamente não por mil anos, e não por todo o mundo mediterrâneo. Então, quem fez o controle?

Não apenas isso, mas o suposto controle era evidentemente bastante frouxo, já que os MSS estão cheios de erros aleatórios, além de dependências compartilhadas. Considere a conclusão alcançada por F. Wisse depois que ele cotejou e analisou 1.386 MSS gregos contendo os capítulos 1, 10 e 20 de Lucas (três capítulos completos). Ele descreveu 37 linhas de transmissão, além de 89 "mavericks", MSS tão díspares individualmente que não podiam ser agrupados. Dos 37 grupos, 36 caem dentro do amplo rio bizantino, e dentro deles Wisse descreveu 70 subgrupos. Então, que tipo de "controle" poderia permitir semelhante situação? Espero que meus leitores não me achem irracional quando digo que, diante de tais evidências concretas, acho a tese de um texto bizantino "controlado" (excluindo o sobrenatural) ser menos que convincente. Mas então, como podemos explicar a uniformidade comparativa encontrada nele?

Espero que meus leitores estejam cientes de que eu pessoalmente insisto que o sobrenatural deve ser incluído em qualquer modelo de crítica textual do NT. Tanto Deus quanto Satanás certamente existem, e ambos têm um interesse contínuo no destino do Texto do NT. Há algum tempo venho defendendo a preservação divina do Texto do NT em termos concretos. Curiosamente, aqueles que alegam um texto bizantino controlado costumam rejeitar qualquer noção de preservação divina. Mas é claro, se eles não acreditam na inspiração divina, não acreditarão na preservação. Alguém que nega a existência de um Soberano Criador insistirá logicamente que um ser inexistente não pode fazer nada. Mas como, então, pode tal pessoa explicar o texto bizantino? Digo que nenhuma hipótese naturalista pode explicar a Família 35 ($\mathbf{K^r}$).

Satanás certamente não faria nada para ajudar a preservar o Texto do NT; qualquer envolvimento dele seria com o objetivo de perverter o texto, minando assim sua autoridade. (Eu diria que ele concentrou seus esforços no Egito.) Já argumentei em outro lugar que a transmissão do Texto do NT era predominantemente "normal", e que essa normalidade foi definida pela Igreja Cristã. Por que foram feitas cópias? Porque as congregações precisavam delas. Por que as congregações 'precisavam' delas? Porque eles entendiam que os escritos do NT eram divinamente inspirados, e eram lidos e discutidos em suas reuniões semanais. Argumentar que os primeiros cristãos estavam errados nesse entendimento seria irrelevante. Esse entendimento (errado ou não) determinou sua atitude em relação aos escritos do NT, que controlava sua produção de cópias. Se a maioria das pessoas que produziam cópias era composta por cristãos sinceros (mais ou menos), eles fariam seu trabalho com cuidado razoável (alguns mais, outros menos). Aqueles que tinham uma visão forte da inspiração seriam especialmente cuidadosos.

Digo que os MSS sobreviventes refletem minha descrição acima. $\mathbf{K^r/f^{35}}$, de longe o grupo maior e mais coeso (talvez o único que existe em todos os 27 livros),

representa o núcleo da transmissão, tendo sido seus representantes produzidos por copistas com uma alta visão de inspiração (como evidenciado pelo extremo cuidado em seu trabalho). Fora desse núcleo há um grande número de tangentes, ou riachos, que divergem do núcleo em graus variados, e que começaram em tempos e lugares diferentes. Um monge que estivesse apenas cumprindo uma obrigação religiosa produziria uma cópia bizantina 'mais ou menos'; bom o suficiente para praticamente todos os propósitos práticos, mas aquém do padrão **f**^{35}.

Então, era o texto bizantino "controlado"? Obviamente não em qualquer sentido estrito. O controle foi exercido por uma crença comum (dentro da comunidade cristã) de que o NT foi divinamente inspirado. Foi essa crença que ditou a proliferação de cópias feitas com razoável cuidado. Esse cuidado razoável se reflete na uniformidade básica dentro da massa bizantina. Mas o explicar da transmissão incrivelmente cuidadosa refletida nos representantes do **f**^{35} requer algo mais.

Dos MSS da família 35 que eu mesmo já cotejei, tenho cópias perfeitas do arquétipo da família (determinado empiricamente) como segue: 29 para Filemom, 15 para 2 Tessalonicenses, 9 para Tito, 6 para Gálatas, 4 para Efésios e pelo menos um para 22 dos 27 livros do NT (e muitos outros erram apenas uma única letra!). Estes são MSS de todo o mundo mediterrâneo e que representam cinco séculos. Então, que tipo de controle poderia produzir um nível tão incrível de perfeição – um controle exercido em mosteiros isolados espalhados pelo mundo mediterrâneo e durante cinco séculos? Não conhecemos nenhuma agência humana que pudesse fazê-lo. Se a agência não era humana, então tinha que ser divina. Como von Soden certamente não estava pensando em controle sobrenatural, mais uma vez ele estava completamente enganado.

4) Von Soden estava obcecado com a passagem da mulher adúltera (João 7.53-8.11) (aparentemente ele pensou que ela forneceria uma chave para todo o NT). Ele e sua equipe cotejaram mais de 900 MSS para esses doze versículos (muito mais do que para qualquer outra passagem do NT). Ele reduziu esses 900 MSS a sete famílias, ou linhas de transmissão, que chamou de **M**^{1,2,3,4,5,6,7} (sendo o M a primeira letra de 'adultério', em grego). Na página 524 ele ofereceu uma 'árvore', em que seu **M**^{1} estava mais próximo da Fonte e **M**^{7} o mais distante dessa Fonte. As últimas três famílias eram de longe as maiores, qualquer uma delas sendo maior do que as quatro primeiras juntas; tanto assim que quaisquer dois dos três representavam a maioria absoluta do total. Von Soden argumentou que seu **M**^{7} era um composto baseado em seu **M**^{6} e **M**^{5} e, portanto, era posterior e inferior a eles.

Isso faz lembrar do tratamento que Hort deu a seu texto "sírio". No entanto, Hort produziu oito supostas "conflações" dentro de seu texto sírio e o condenou para todo o NT com base nisso. Ora, uma conflação genuína é, por definição, secundária (se você puder provar que as duas leituras mais curtas não são simplificações

independentes da leitura original mais longa). Mas na '*Perícope*', **M[7]** não contém nenhuma 'conflação'. Então, em que base objetiva afirmou von Soden que era baseado em **M[6]** e **M[5]**? Dentro da *Perícope* existem 32 conjuntos de variantes que são relevantes para os três grandes grupos, que agora reproduzirei. Peço ao leitor que tente analisar as evidências sem noções preconcebidas.

As informações oferecidas abaixo são baseadas no cotejo completo feito por Maurice A. Robinson de 1.389 MSS que contêm a *Perícope*, João 7.53 – 8.11.[1] Tentei estabelecer um perfil de leituras para cada um dos três grupos principais de MSS, **M[5,6,7]**. Usei * para distinguir variantes que poderiam ser chamadas de 'espinha dorsal' da família, com o objetivo de distingui-la das demais.

		M[7]	**M[6]**	**M[5]**
7:53	01	απηλθεν	απηλθεν / απηλθον	*επορευθη / επορευθησαν
8:1	02	Ιησους δε	*και ο Ιησους δε/και ο Ιησους	Ιησους δε
8:2	03	(βαθεως) = omitir	*βαθεως / βαθεος	(βαθεως)
8:2	04	παρεγενετο	*ηλθεν ο Ιησους	παρεγενετο
8:2	05	προς αυτον	προς αυτον	*(προς αυτον)
8:3	06	προς αυτον	(προς αυτον) / προς αυτον	προς αυτον
8:3	07	επι	επι	*εν
8:3	08	κατειλημμενην	κατειλημμενην	*καταληφθεισαν
8:3	09	εν μεσω	εν τω μεσω / εν μεσω	εν μεσω
8:4	10	λεγουσιν	*ειπον	λεγουσιν
8:4	11	(πειραζοντες)	(πειραζοντες)	*πειραζοντες
8:4	12	ταυτην ευρομεν	ταυτην ευρομεν	*αυτη η γυνη κατεληφθη / ειληπται / κατειληπται
8:4	13	επαυτοφωρω	επαυτοφωρω/–φορω/–φορως	επαυτοφωρω/–φορω
8:4	14	μοιχευομενην	μοιχευομενην / –νη	*μοιχευομενη
8:5	15	ημων Μωσης	ημων Μωσης / υμων Μωσης / M. ενετ. ημιν / Μωση	*Μωσης ημιν
8:5	16	λιθοβολεισθαι	*λιθαζειν	λιθοβολεισθαι
8:5	17	(περι αυτης)	(περι αυτης) / περι αυτης	(περι αυτης)
8:6	18	κατηγοριαν κατ	κατηγοριαν κατ	*κατηγορειν
8:6	19	μη προσποιουμενος	(μη προσποιουμενος) / μη προσποιουμενος	μη προσποιουμενος
8:7	20	ερωτωντες	ερωτωντες / επερωτωντες	ερωτωντες
8:7	21	ανακυψας	αναβλεψας / ανακυψας	ανακυψας
8:7	22	προς αυτους	*αυτοις	προς αυτους
8:7	23	*τον λιθον επ αυτη βαλετω	*λιθον βαλετω επ αυτην	*επ αυτην τον λιθον βαλετω
8:9	24	και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι	(και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι) /και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι	και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι
8:9	25	εως των εσχατων	εως των εσχατων	*(εως των εσχατων)

[1] 240 MSS omitem a *PA*, 64 dos quais são baseados no comentário de Teofilato. Outros quatorze têm lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Então, 1389 + 240 + 14 + 7(?) = cerca de 1650 MSS de texto contínuo verificados por Robinson. [Atualmente ele já cotejou 1505.] Ele também verificou um bom número de Lecionários.

8:9 26	μονος ο Ιησους	ο Ιησους μονος / μονος	μονος ο Ιησους
8:10 27	και μηδενα θεασα–μενος πλην της γυναικος	*ειδεν αυτην και	και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος
8:10 28	αυτη	*(αυτη) γυναι	αυτη / αυτη γυναι
8:10 29	εκεινοι οι κατηγοροι σου	εκεινοι οι κατηγοροι σου / οι κατηγοροισου	εκεινοι οι κατηγοροι σου
8:11 30	ειπεν δε αυτη ο Ιησους	ειπεν δε αυτη ο Ιησους	*ειπεν δε ο Ιησους
8:11 31	κατακρινω	κατακρινω	*κρινω / κατακρινω
8:11 32	και απο του νυν	και απο του νυν / απο του νυν και	*και

M^{7} tem um perfil/mosaico único, claro e inequívoco, conforme definido por 127 MSS – não há variação interna entre eles (os 127 são precisamente os mesmos para todos os doze versos). Isso contrasta dramaticamente com **M^{6}** e **M^{5}**. É possível chegar a um perfil parcial tanto para **5** quanto para **6**, para distingui-los entre si e de **7**, mas eles têm tanta variação interna que não vejo como chegar a um arquétipo da família que seja objetivamente definido. Como o leitor pode verificar, **6** tem divisão interna nada menos que 15 vezes em 32, o que não melhora seu quociente de credibilidade. **5** tem 'apenas' quatro, e por isso é muito menos 'mole' que **6**, mas a natureza desses quatro não permite uma única forma arquetípica. (Eu não incluí o conjunto 13 acima porque há uma confusão generalizada entre os MSS.)

Agora atenção, **7** e **6** se juntam contra **5** quatorze vezes; **7** e **5** juntam-se contra **6** nove vezes; **6** e **5** se juntam contra **7** nem uma única vez. Isso significa que **7** é dependente de **5** e **6** (von Soden), ou significa que **5** e **6** são saídas independentes de **7** (WNP)? Apenas para o conjunto 23 os três grupos são inteiramente distintos, mas pelo menos para este conjunto **7** não depende dos outros dois. (Curiosamente, os MSS nos apresentam pelo menos sete arranjos diferentes das cinco palavras do conjunto 23, e o grupo principal dos lecionários atesta uma quarta leitura, não uma das três grandes.) Ao meu ver, **7** é o menor denominador comum, e portanto, mais velho e melhor do que os outros dois. Então qual é o ponto? A questão é que **M^{7}** é igual ao **K^{r}** de von Soden (meu **f^{35}**), e ele usou sua análise de **M^{7}** para caracterizar seu **K^{r}** para todo o NT! Ele repetidamente ofereceu **M^{7}** como 'prova' de que **K^{r}** era tardio. Como qualquer um que esteja remotamente familiarizado com os MSS sabe, caracterizar até mesmo um livro, para não mencionar todo o NT, com base em doze versículos é simplesmente errado.[1]

5) Por alguma razão misteriosa von Soden parecia determinado que seu **K^{r}** deveria ter sido criado no século XII, e por isso ele se esforçou para mudar a data dos três MSS **K^{r}** do XI que ele conhecia. Mas como os três são cópias, não criações originais, seus exemplares eram mais antigos, necessariamente (assim como os

[1] Como é impossível demonstrar objetivamente que **M^{7}** é dependente de **M^{6}** e **M^{5}**, essa dependência imaginada não deve ser alegada como relevante para a idade e a natureza do tipo de texto.

> exemplares dos exemplares), então o que achava von Soden que estava 'provando'? Para ele, aparentemente, um tipo de texto não poderia ter existido antes de seu representante mais antigo conhecido [!]. Por muitos anos, tenho ouvido pessoas repetindo a evidente estupidez de que, como não há MSS bizantinos antigos, o texto bizantino não pode ser antigo, e eles ainda estão fazendo isso. Isso se baseia na suposição obviamente falsa de que os MSS sobreviventes dos primeiros séculos são representativos da situação total dos manuscritos naquela época.

Os únicos 'edifícios' sobreviventes no Egito com 4.000 anos são as pirâmides. Será alguém tão ridículo a ponto de argumentar que uma pirâmide era o único tipo de estrutura usada no Egito naquela época? Quantos egípcios naquela época viviam em pirâmides? Absolutamente nenhum, porque as pirâmides eram apenas para os mortos. Mas conseguiram as pessoas comuns uma pirâmide para uma tumba? Apenas um faraó poderia pagar um. Podemos dizer com total certeza que as pirâmides não são representativas da totalidade das estruturas do Egito há 4.000 anos, embora sejam as únicas que sobreviveram. Eu diria que é igualmente certo que os MSS mais antigos não são representativos da situação dos manuscritos na época. (Eles são o local de descanso das formas 'mortas' do Texto do NT, algo como as pirâmides.)

Não sei nem mesmo o nome de nenhum dos meus tataravôs, e não tenho artefatos que eles tenham usado. No entanto, posso afirmar com total certeza que eles existiram. Como eu posso fazer isso? Posso fazer isso porque estou aqui, porque existo. Eu não poderia existir sem tataravôs. Meu corpo contém alguns de seus genes, seu DNA. Só porque eu não existia 400 anos atrás, não significa que nenhum dos meus ancestrais existiu lá. Isso não é perfeitamente óbvio?

Em 1976, o Dr. Jakob van Bruggen publicou *The Ancient Text of the New Testament* (Winnipeg: Premier Printing Ltd.). Ele contém um capítulo sobre 'A Idade do Tipo Bizantino' que ocupa as páginas 22 a 29. Ele arregimenta uma variedade de argumentos para mostrar que o tipo de texto bizantino deve ser mais antigo do que seus representantes sobreviventes. Limitar-me-ei a citar apenas um parágrafo (página 25).

> Que condições devem ser satisfeitas se quisermos conceder o prêmio aos maiúsculos mais antigos? Ao fazer essa pergunta, presumimos, intencionalmente ou não, que éramos capazes de fazer uma comparação justa entre os manuscritos de um período anterior e os de um período posterior. Afinal, só podemos chegar a afirmações positivas se for esse o caso. Imagine que alguém dissesse: na Idade Média eram construídas principalmente catedrais, mas nos tempos modernos muitas igrejas pequenas e mais simples estão sendo construídas. Esta afirmação parece completamente verdadeira quando olhamos hoje em volta nas cidades e aldeias. No entanto, estamos enganados. Um erro

> compreensível: muitas pequenas igrejas da Idade Média desapareceram e, geralmente, apenas as catedrais foram restauradas. Assim, surge uma grande falsificação histórica de perspectiva em relação à história da construção de igrejas. Não podemos fazer uma afirmação geral sobre a construção de igrejas na Idade Média com base nos materiais sobreviventes. Se ainda nos atreveríamos a fazer tal afirmação, presumimos erroneamente que os materiais sobreviventes nos permitiram fazer uma comparação justa. Mas como está a situação no campo dos manuscritos do Novo Testamento? Temos um número *representativo* de manuscritos dos primeiros séculos? Só se for esse o caso temos o direito de tirar conclusões e declarações positivas. Mas é justamente nesse ponto que surgem as dificuldades. A situação é mesmo tal que sabemos com certeza que *não* possuímos um número representativo de manuscritos dos primeiros séculos. Isso se deve a três motivos, que agora merecem nossa atenção sucessivamente [ênfase no original].

Ele então passa a discutir essas três razões. (Conheço o Dr. van Bruggen pessoalmente, e posso dizer que ele é uma autoridade no assunto das catedrais.) As páginas 101 – 111 do meu *The Identity of the New Testament Text V* fornecem uma discussão detalhada das evidências de um tipo de texto bizantino primitivo.

Continuo a insistir que a maioria dos MSS mais antigos sobreviveu porque eram intoleravelmente ruins; era psicologicamente impossível usá-los, além de ser um desperdício criminoso de bom pergaminho para copiá-los (o uncial 06 não é o único com um 'filho' conhecido?). Há algum tempo, cotejei o cursivo GA 789 (Atenas: Biblioteca Nacional) para João, já tendo feito isso para Lucas. Embora o copista tenha cometido um erro ocasional, julgo que seu exemplar foi um representante quase perfeito da Família 35. No entanto, 789 está faltando João 19.12 até o fim. Uma mão posterior, 789^{s}, tem 19.26 até o final, mas aquele copista era um péssimo soletrador, com média de quase um erro por verso – faz pensar no P^{66} (embora P^{66} seja pior, com média de cerca de dois erros por verso). Dei por mim a ficar zangado com o copista – estava preparado para lançar maldições sobre a sua cabeça! Supondo que a causa dos erros fosse a ignorância, e não a perversidade, o copista não deveria ter empreendido uma tarefa para a qual estava tão lamentavelmente desqualificado. Seria psicologicamente impossível para mim usar 789^{s} para devoção ou estudo. Eu ficaria com raiva demais para continuar. Presumo que os cristãos sinceros dos primeiros séculos teriam reagido da mesma maneira.

Por estranho que possa parecer, o próprio INTF que Kurt Aland fundou – ele que declarou que os MSS bizantinos eram irrelevantes para a busca do texto original – esse INTF agora publicou o seguinte:

> Desde que o Textus Receptus foi superado pela crítica textual acadêmica do século 19, há um viés negativo tenaz contra o texto majoritário bizantino. Aonde quer que testemunhas textuais bem conhecidas e antigas como Vaticanus e

> Sinaiticus, e ainda mais em combinação com um papiro, se oponham à maioria dos minúsculos, a decisão contra o texto majoritário foi muitas vezes tomada facilmente, sem considerar seriamente a qualidade das variantes em questão. Portanto, os editores da presente edição tomaram dois fatores como primordiais.
>
> Primeiro, muitas vezes é esquecido que na grande maioria das passagens com variantes apenas umas poucas testemunhas diferem de todas as outras. Como regra, as testemunhas populares dos séculos IV/V e, se conhecidos, de papiros ainda mais antigos, concordam com a maioria absoluta de todas as testemunhas. Isso implica que em todas essas passagens a antiguidade do texto majoritário não está em dúvida.
>
> Segundo, é necessário distinguir consistentemente entre um manuscrito e o texto nele transmitido. "*Recentiores non deteriores*" é um princípio amplamente aceito no editar de filologia, mas na erudição do Novo Testamento foi aplicado apenas a alguns manuscritos mais recentes com peculiaridades textuais semelhantes a Vaticanus e Sinaiticus. Pela razão dada acima, é indubitavelmente verdade que a tradição textual como um todo remonta a um período muito antigo e que a transmissão coerente da maioria de todas as testemunhas textuais fornece um forte argumento *a favor*, não *contra*, a variante em questão [ênfase no original]. (Página 30* da recente [2017] *Editio Critica Maior* de Atos.)

Ora, ora, ora, antes tarde do que nunca! "A tradição textual como um todo" inclui **f^{35}/K^{r}**, necessariamente. A série *Text und Textwert*[1] agora está completa para todo o NT, exceto para João 11-21. A evidência objetiva que ela fornece mostra claramente, empiricamente, que a Família 35 (**K^{r}**) é independente da massa bizantina (**K^{x}** de Soden) em todo o NT. Segue-se que **não pode** ser uma revisão dessa massa. Qualquer um que continue afirmando que o **K^{r}** de von Soden foi uma revisão de seu **K^{x}** é desinformado ou perverso.[2]

6) Resta abordar a questão do aparato litúrgico característico de **f^{35}/K^{r}**. Uma cópia do lecionário seria muito mais fácil e rápida de produzir do que uma cópia de texto contínuo completa, sem falar de um aparato em uma cor diferente. Já que temos lecionários conhecidos do IV e de todos os séculos subsequentes, por que alguém se daria ao trabalho extra de adicionar um aparato litúrgico a uma cópia contínua do texto? E por que esse aparato foi adicionado a apenas um tipo de texto?

Mas primeiro, por que foram preparados lecionários, em vez de MSS de texto contínuo? À medida que a prática de ler e expor passagens estabelecidas em domingos específicos se generalizou, ter que usar um MS de texto completo tornou-se

[1] *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Ed. Kurt Aland, Berlin: Walter de Gruyter).

[2] Ignorar evidências claras que foram chamadas à sua atenção e continuar a promover uma afirmação que você sabe ser falsa é ser perverso.

trabalhoso; por que não preparar MSS contendo apenas as leituras estabelecidas? Lembre-se de que a maioria das pessoas não sabia ler e se limitava a ouvir as Escrituras durante as reuniões semanais. Muitas poucas pessoas conseguiam ler e estudar as Escrituras em casa. Menos ainda estariam em condições de fazer cópias escritas de qualquer coisa. Escriba era uma profissão. No entanto, submeto à consideração do leitor que a própria mentalidade que consideraria um lecionário uma coisa boa, por si só, representava um relaxamento de um devoto compromisso com a forma precisa do Texto Sagrado.

A partir do século IV, se não antes, a Igreja Romana usou o latim, não o grego. Então, quem preservou o NT grego durante a Idade Média? Cada vez mais teriam sido as comunidades monásticas de língua grega. Por definição, um mosteiro é uma comunidade religiosa; sua vida diária e sua própria existência derivam e dependem de sua religião. Para as comunidades cristãs, os escritos do NT seriam centrais para sua fé. No entanto, com o passar do tempo, a tradição tomou conta, e haveria um relaxamento de um compromisso devoto com a forma precisa do Texto Sagrado. Isso se refletiria no nível de controle de qualidade que prevalecia em cada mosteiro com referência ao copiar de MSS do NT. Também se refletiria no aumento da produção de lecionários nos mosteiros.

O relaxamento do controle de qualidade no copiar de MSS do NT se reflete na variedade de leituras encontradas entre os MSS que compõem a tradição bizantina. Para três capítulos de Lucas, F. Wisse identificou 36 linhas de transmissão dentro dessa tradição. Um MS bizantino médio terá de 3 a 5 variantes por página de um texto grego impresso (em comparação com 15 a 20 para um MS alexandrino). O monge estava cumprindo um dever religioso, mas sem compromisso pessoal com o Texto. Um MS $\mathbf{f^{35}/K^{r}}$ meramente ‘mais ou menos' terá uma variante por duas páginas de um texto grego impresso, enquanto os melhores terão apenas uma variante por quatro ou mais páginas de um texto grego impresso (os realmente bons serão perfeitos para os livros mais curtos). Eu já cotejei um MS com apenas uma variante para os 21 capítulos de João; o mesmo MS (GA 586) tem apenas uma variante para os 16 capítulos de Marcos. O que nos diz esse quadro sobre a mentalidade dos copistas? Como podemos explicar o extremo cuidado demonstrado pelos copistas $\mathbf{f^{35}/K^{r}}$?

Os MSS $\mathbf{f^{35}/K^{r}}$ conhecidos provêm de mosteiros isolados ao redor do mundo mediterrâneo e foram produzidos durante cinco séculos (XI-XV). (Ignoro, por enquanto, as gerações de exemplares que eles representam.) Simplesmente não havia agência humana que pudesse exercer tal controle. Evidentemente, alguns mosteiros seriam mais conservadores em doutrina e atitude do que outros, e dentro de um mosteiro conservador um copista individual poderia estar comprometido com a autoridade divina do exemplar que estava copiando. Deixando de lado a participação sobrenatural no processo, a atitude predominante em certos mosteiros

mais a convicção pessoal de copistas individuais é a única explicação que posso ver para a incrível consistência interna que os MSS **f^{35}/K^r** demonstram.

Mas por que iria alguém se dar ao trabalho extra de adicionar um aparato litúrgico a uma cópia de texto contínuo, já que os lecionários eram abundantes? E por que esse aparato foi acrescentado a apenas um tipo de texto, justamente aquele de maior consistência interna? Ora, o que faria um mosteiro conservador se quisesse usar as leituras estabelecidas para a leitura em voz alta nas refeições da comunidade, mas fazê-lo com um MS de texto contínuo (por respeito ao Texto)? O início e o fim das leituras teriam que ser marcados de alguma forma. Mas o respeito ao Texto determina que tais marcadores de leitura não podem ser confundidos com o próprio Texto – portanto, tinta de cor diferente (que também ajudaria o leitor a começar e parar nos pontos corretos).

Muito bem, mas por que escolher **f^{35}/K^r**? Bem, se é o respeito ao Texto que te motiva a usar MSS de texto contínuo, ao invés de lecionários, que tipo de texto você vai usar? Se você estiver ciente de que os diferentes MSS oferecem algumas diferenças na redação, como você escolherá? Essa mesma consciência derivará de uma convicção dentro do mosteiro sobre qual linha de transmissão entre os MSS tem o melhor *pedigree*, e será essa linha que merece seu maior respeito. Então esse é o tipo de texto que você vai usar. Mas como é que mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Sim, eis a questão, como é que mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Von Soden opinou que uma autoridade central ordenou uma revisão e a impôs aos mosteiros. Uma vez que é demonstrável que **f^{35}/K^r** não é uma revisão, em que base essa autoridade imaginária faria uma escolha de qual texto impor? Se essa autoridade fosse um cristão sincero, ele não escolheria o que considerasse ser o melhor texto? Como não havia tal autoridade, resta-nos ainda a questão: como é que os mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Eles provavelmente não fizeram essa escolha; eles simplesmente continuaram a tradição que haviam recebido de gerações anteriores.

E todos eles receberam a mesma tradição porque havia uma convicção generalizada em toda a comunidade cristã global quanto à identidade da linha de transmissão com o melhor *pedigree*. Uma vez que a transmissão do texto do NT ao longo dos séculos foi essencialmente normal, desde o início, a convicção sobre o *pedigree* seria baseada em evidências históricas. Quando os autógrafos foram escritos, não havia lições do NT. A ideia de adicionar marcadores de leitura veio depois; quanto tempo depois não temos como saber. Em algum lugar ao longo do tempo, o primeiro MS tal foi produzido. A ideia foi tão brilhante que se espalhou como fogo selvagem? Ou a ideia se espalhou lentamente? Nós não temos como saber. No entanto, quando quer que tenha sido, esses marcadores foram adicionados ao tipo de texto que estava sendo usado nas reuniões públicas.

Deve ser óbvio para todos que preparar uma cópia em duas cores com um aparato cuidadoso levará mais tempo e esforço do que uma cópia em uma cor sem esse aparato. Então, por que as pessoas fariam isso? Tinha que haver uma demanda por tais cópias. Um MS com um aparato litúrgico foi obviamente preparado para ser usado para leitura pública, para ser lido em voz alta para uma audiência. Para leitura e estudo particulares, você deseja um texto sem interrupções. Von Soden chegou a notar que as letras individuais em seus MSS **K^{r}** tendiam a ser um pouco maiores do que em MSS não-**K^{r}**. Então por que seria? Presumivelmente para facilitar a leitura pública. De qualquer forma, os livros usados se desgastam. Tanto assim, que os mosteiros que usavam um tipo de texto específico para sua leitura pública certamente fariam e manteriam várias cópias sobressalentes à mão. Não haveria a mesma motivação para os tipos de texto que não foram utilizados. Pode ser por isso que **f^{35}/K^{r}** é de longe a maior família dentro da tradição bizantina, e é a única família que até agora foi demonstrada existir em todos os 27 livros.[1] (Cópias sobressalentes que nunca foram usadas teriam uma boa chance de sobreviver.)

CONCLUSÃO: A caracterização de Von Soden de seu **K^{r}** como uma revisão tardia é simplesmente falsa. Segue-se que todas as pessoas informadas devem parar de usar o símbolo **K^{r}**.

[1] De passagem, é do conhecimento geral que os Lecionários não contêm lições do Apocalipse. O que poucas pessoas sabem é que alguns MSS **f^{35}** contêm, sim, um aparato litúrgico no Apocalipse. Poderia isso ser algo que merece um estudo mais aprofundado?